

AMOCIDADE

HEBDOMADARIO SCIENTIFICO E LITTERARIO

COLLABORADORES

Accacio Borges — Albano Coelho — A. V. Cid — Dr. Alves Mendes — Dr. Alves da Veiga — Antonio Fogaça — Antonio Pleias — Augusto de Castro — Augusto de Mesquita — B. Caldas — Dr. Delphim de Carvalho — Candido da Cruz — José Alves de Faria — F. C. Vasques — Ernesto Leitão — Francisco Bastos — Ignacio Carneiro — Joaquim José Martins — Bernardino de Senna Freitas — J. C. V. — Manoel Velloso Armelino Junior — Dr. Pereira Caldas — Pinto da Rocha — Sebastião Pereira da Cunha — Silvestre Faleão.

SUMMARIO

Chronica, por Pirolito. 1.º de Dezembro, por Dizalto. *Violeta*, por Joaquim de Lemos. *O trabalho*, por Ignacio Carneiro. *Mãe adoptiva*, por Silvestre Falcão. *Amicus certus...*, por Albano Coelho. (Sciencias) *Origem dos fermentos*, por A. V. Cid. *Em familia*, (Passatempos).

CHRONICA

Ah! safa que ainda não estou em mim.

Tentei escrever a primeira chronica d'este semanario mas senti palpitar o coração com uma força desusada, fazendo-me subir o sangue ás faces, tornando-me as orelhas fumegantes e a garganta secca já não articulava bem as palavras balbuciando-as apenas com uma timidez semelhante á do rapaz que treme deante d'um mestre escola muito feio, de oculos verdes cahidos sobre o nariz adunco, de ar carrancudo e de *ferula* em punho ameaçando ceus e mundo.

Estava commovido, confesso, e o caso não era para menos; ia fallar contigo, leitora amavel, e se assim estava não era porque te comparasse ao velho e carrancudo mestre escola, mas porque recejava não te agradar, vêr que encrespavas o sobr'olho, batias impaciente, no chão, com teu microscopico pesinho e ficavas amuada commigo.

Ora era justamente assim que te não queria vêr; prefiro que o teu olhar permaneça meigo, a tua bella fronte serena sem franzirés as sobrancelhas sem encorilhares a testa, prefiro emfim, vêr-te alegre, contente soltar gargalhadas francas exprimindo a alegria

que te vae n'alma a vêr-te triste, irritada e, quando pensava que tambem isto podia acontecer, ficava sem pinga de sangue, completamente transtornado; e se não empallidecia n'esses momentos, é porque a minha tez não permittia que tal côr se reconhecesse no meu rosto bronzeado. E, não me querendo eu arriscar a que te zangasses comigo, recorri a um amigo meu, actualmente no Porto, para me tirar d'estes embaraços e para te fazer a apresentação d'esta revista.

Desculpa, leitora querida, se abandonei o meu posto dando azo a que alguns cavalheiros d'esta terra possuam em duvida a *naturalidade barcollense* da Mocidade; e dito este *penitet me peccati* resta-me ainda, para liquidar as minhas contas, agradecer ao meu particular amigo *Jucarvas* o assignalado favor que me fez prestando-se a escrever a primeira chronica; e não pense o amigo que se vê livre de mim; pelo contrario, mais d'uma vez terei de recorrer á sua pessoa para dar aos nossos bondosos assignantes noticias d'essa cidade e estou certo de que os leitores nada perderão com a troca.

Nada te digo, leitora, da sessão solemne do *Club Democratico* porque bem sabes o que lá se passou mas prometto no proximo numero contar-te alguma coisa do que se passa pelos theatros do Porto. Segundo me consta *debutou* no 1.º d'este mez uma troupe arabe Beni-Zoug-Zoug e é de suppor que esses senhores deem aos portuenses algumas noites agradaveis; no Baquet deve-se representar por estes dias o «Ovo da gallinha pinta» do distincto jornalista portuense, Sá d'Albergaria.

E sem mais um teu creado

Barcellos 7—12—86.

Pirolito.

1.º DE DEZEMBRO

O dia d'hoje recorda-nos duas eras notaveis: uma, em que a nacionalidade portugueza é algemada com as negras ferropêas fabricadas nas officinas de Castella e curva a cerviz ao peso d'um sceptro esmagador, ao soltar o ultimo sopro de vida um cardeal-rei, ultimo ramo da dynastia joanina; outra, em que Portugal se desprende dos ferros oppressores e saccode a juba leonina arremessando para longe o jugo pesado, vexatorio, ao ouvir o primeiro grito de independencia que colloca no throno o tronco da dynastia de Bragança. E' 1580 roubando-nos a liberdade; é 1640 tornando-nos livres. Além é um rei intruso que governa e um sceptro portuguez que se parte; aqui é um monarcha legitimo que nasce e uma nação que ressuscita; é o accaso inesperado, seguido d'uma noite tenebrosa que durou longos annos; é o nascer d'um sol ridente que nos illumina ainda.

D'uma a outra era vovem-se lentamente sessenta annos que são sessenta seculos, em que a esperança se perde, as illusões se desfazem, o desalento domina.

Havia, porém, de raiar um dia que o grito da independencia echoasse em todos os cantos de Portugal e esse dia chegou e a nação cheia de brio e patriotismo desfraldou o seu estandarte, glorioso pendão das quinas, mostrando ao mundo que era livre e independente.

Por isso heje Portugal entreja-se de gala para commemorar mais uma vez o anniversario da sua independencia, firmar a sua autonomia e relembrar os nomes immortaes dos seus briosos filhos de 1640.

Dizalto.

VIOLÉTA

Mas quanto me tem feito padecer!...
Ha muito sei não quer corresponder
a todo o amor sincero em que divago.

E no entanto ao vel-a sinto andar
meu coração suspenso d'esse olhar
como uma flor boiando sobre um lago.

Porto.

Joaquim de Lemos.

O TRABALHO

Não vae longe a epocha em que a fidalguia, symbolisada no quadro historico dos avoengos, menoscabava o trabalho, rico agente de producção, larga fonte de inexhauriveis thesouros e seguro vehiculo do progresso.

Adormecida á sombra d'uma luz tibia e froixa, ou deitada sobre a relva do campo e a açucena dos

valles era elemento d'ociosidade — *mãe de todos os vicios.*

E n'este sentido caminha ainda hoje uma boa parte da nossa fidalguia, não comprehendendo na terra a sua nobre como alevantada missão; pois substitue a doce vida do campo pela doentia das cidades, o aprazível socego do lar pelo frenetico bulicio das praças e os esplendores da sciencia pelas fadigas da caça; pois olvida as relações d'amor, de respeito e de gratidão que prendem e ligam os membros d'uma familia — sanctos laços que a religião e a moral sancionam.

Alguem lamenta que ainda hoje no ultimo quartel do seculo XIX haja quem não conheça que o trabalho é prerogativa que exalta e não violencia que rebaixa.

Sem elle que seria da humanidade? Arvore sem fructo, sol sem luz, coração sem movimento, corpo sem vida, não tardaria a esphacellar-se, como ser privado das condições essenciaes á sua existencia.

O trabalho não degrada, ao contrario nobilita o homem, pois o differença dos irracionaes.

Os povos mais laboriosos são e foram sempre os mais fortes e afortunados — *Inglatterra.*

Outr'ora Grecia e Roma, opulentas pelo trabalho, tornaram-se decadentes em face da indolencia.

Mesmo Portugal no seculo XVI se elevou á primeira nação do mundo; mas em breve decahiu, se tornou desgraçado pela negligencia a que a posse das riquezas o conduziu.

O trabalho é, portanto, alavanca de riqueza, de civilisação e de felicidade.

Todos sabem que o trabalho, imposto como castigo de desobediencia, foi ao mesmo tempo meio de regeneração, titulo de grandeza e condão de gloria.

Clara e distincta lição aos legisladores da terra, pois que bem demonstra a existencia do verdadeiro prototypo de todas as reformas uteis no grande codi-go christião.

Pois que significa a enorme reforma penal que vae caminhando por todos os povos cultos, senão uma victoria christã?

E assim dotado de poderosas faculdades, o homem conscio do seu fim, applica-as á natureza, procurando reconstruir o seu reino perdido e reaver a sua *idade d'ouro.*

Em verdade, corôa de todas as maravilhas da criação, reconhece que todos são eguaes e que só as pôde distinguir — a *sciencia* que aperfeiçoa e rebostece o corpo, que desenvolve e engrandece o espirito, que desperta e levanta a alma; e — o *trabalho* intelligente e honrado que cria, ennobrece, moralisa e regenera.

A nobreza do homem está, portanto, no trabalho capaz de produzir as maravilhas da sciencia, os fulgores da civilisação, as commodidades e confortos da vida

MÃE ADOPTIVA

A côma gigantesca do arvoredô.
Parece estremeecer de vez em quando.
As tremulas folhagens murmurando
Vão baixinho um castissimo segredo.

O vento ao longe, a suspirar a medo,
Uns rumorosos cantos vae soltando:
Ouvem-se uns passaritos suspirando
'Numa gruta cavada 'num rochedo.

Ella vem caminhando a passos lentos:
Quer vêr se os surprehende — os pobresitos —
Mas como elles redobram os lamentos,

Não pode resistir-lhes. Corre e vem
Dar de comer aos pobres passaritos
E cobril-os de beijos. — Pobre mãe!..

1886.

Silvestre Falcão.

AMICUS CERTUS...

(EXCERPTO)

— Paulo, meu amigo — disse um dia Gastão ao pedinte da serra: — tu sabes o que são as grandes dores?

O pedinte fez com a cabeça um aceno que significava:

— Melhor do que ninguém!

— E és meu amigo? — torpou o poeta.

— Bem sabes que sim.

— Aconselha-me e consola-me então. Ah! como eu tenho esta cabeça! Suppõe tu que tens uma mulher que te ama, que deves a liberdade a essa mulher, que lhe deves a vida, se assim queres, que lhe és immensamente grato, emfim.

— Continúa — disse o pedinte sorrindo com bondade.

— Imagina-te n'esta situação. e figura-te que outra mulher, uma rola innocente te abre os braços e te diz: «amo-te!» Accrescenta, que essa mulher te pôde fazer feliz, que é bella, rica, meiga como um cordeirinho...

— Entendi — atalhou Paulo com seriedade. — Dá o nome a essas mulheres.

— Rosa e Emma.

— Bem, continúa.

— Que farias tu? Qual amarias? ambas? Emma? Rosa?...

— Basta, Gastão! — atalhou ainda o ancião, mas em tom severo. — Essa pergunta não se faz a ninguém, por que não deve sequer passar pela mente d'um homem honrado ideia tão baixa!

O mancebo còrou como se lhe houvessem vibrado uma valente bofetada.

— Repito — continuou Paulo: — isso é indigno d'um homem como tu. Eu já tinha adivinhado o que se passava, e tenho lido no rosto de Rosa o profundo soffrimento do seu coração. Pobre rapariga! Ha-de ser sempre martyr, e a palma não a conseguirá, porque a acção do seculo egoista pôde corromper já o coração d'um homem que era digno. Gastão! sê homem, e envergonha-te do que fizeste!

*(Continúa).**Albano Coelho.*

SCIENCIAS

ORIGEM DOS FERMENTOS

A par da questão das gerações espontaneas anda a da origem dos fermentos.

Desde o animal colosso até ao microscopico, a geração espontanea tudo fazia resurgir com a mesma facilidade; mas, logo que a observação attenta dos factos e os progressos d'investigação, com o seu auge na descoberta do microscopio, foram pouco a pouco reduzindo o campo vastissimo das gerações espontaneas, para se deixar ás profundas elucubrações dos sabios os proto-organismos, cuja filiação era impossivel determinar, não era natural e fóra de repugnancia admitir para estes pequenos organismos, que povoam com tanta exuberancia o seio das infusões animaes e vegetaes, vista a sua exiguidade tão infima, a reconstituição espontanea?

Nem estes, como vamos vêr, se poderam conservar no quadro, outr'ora amplissimo, das gerações espontaneas.

A' frente da pleiade de investigadores sagazes e experimentados, que vieram, n'uma attracção irresistivel, depôr a sua offerenda, acrisolada pelo trabalho e pela perseverança, nos annos da sciencia, está Needham que, rigoroso em theoria, não pôde alliar com ella as condições praticas de tão delicadas experiencias.

Pena foi que, quem logo soube estabelecer as normas de todas as experiencias que visassem a resolver scientificamente aquella questão tão anciada, n'uma alliança feliz em proporção com o rigor theorico, não disposesse as experiencias livres de todo o erro.

Subtrahir a infusão animal ou vegetal á influencia dos germens, sementes ou qualquer outro agente de multiplicação, de origem exterior — e destruir por um agente physico — o calorico, — os germens, cuja persistencia nos liquidos se suspeitasse, tal era o duplo principio a que todas as experiencias, n'uma fiel obediencia, deviam submeter-se. Em taes circumstan-

cias, ou a infusão se povoa de seres vivos ou não; no primeiro caso esses seres vivos poderam desenvolver-se no meio apropriado sem a preexistência de germens de qualidade alguma; no segundo caso, a geração espontanea é impossível.

Needham, que, com tanta perspicacia, via o motivo d'aquella exuberancia de vida, dirigiu as experiencias pelo seu verdadeiro caminho; se, porém, nem sempre as pôde dispôr a coberto d'erros, não faltou quem, pelos seus conhecidos trabalhos delicados d'investigação, pela sua habilidade e pericia, assignaladas, viesse estabelecer, a salvo dos ataques dos heterogenistas, as experiencias concludentes que resolveram a questão, do modo mais completo.

Pasteur, o grande sabio, o infatigavel obreiro da sciencia, soube dirigir em dois sentidos o exterminio: morte aos germens exteriores e morte aos germens interiores; a uns, que, arrastados no ar, encontram nas infusões o meio appropriado da sua vida, e aos outros, que já em contacto, na posse do appetecido lar, lá pollulavam como senhores em sua casa.

A Needham, induziram-n'o até a erro as suas experiencias, erro que mais exarcebou o applauso com que Buffon as acolheu.

Foi ephemera esta gloria alcançada pelo sabio inglez Needham, porque alguem, dotado d'um poder d'observação e affeito aos delicados trabalhos analyticos, veio offuscar-lhe as suas experiencias.

(Continua)

A. V. Cid.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA—A redacção pede desculpa ao seu collaborador o ex.^{mo} sr. dr. Delphin de Carvalho de não ter sido publicado o seu artigo no primeiro numero por ser de todo impossível.

Manoel Pinto Monteiro — Lisboa. — Não se tem respondido ao seu pedido por v. ex.^a se ter esquecido de nos dar a morada.

João M. Alves — Braga — Publicaremos logo que haja lugar.

Convidamos novamente os nossos estimaveis assinantes, amadores de charadas, enygmas, etc., a enviar-nos as suas produções que teremos gosto em publicar. Toda a correspondencia que diga respeito a esta secção deve ser dirigida a J. Camaleão — Rua Direita n.º 275—Porto.

J. Camaleão.

EXPEDIENTE

A Mocidade começará d'aqui por deante, a sair aos Domingos. O terceiro numero apparecerá no dia 19 d'este mez.

CHARADAS NOVISSIMAS

Aqui este adverbio é um homem—1—1

Este animal no campo é armadilha—2—2

Na musica, aqui e na musica é mensagem—1—1—1

Na musica e na musica incommoda este homem—1—1—1

Porto.

J. C. V.

CHARADA TELEGRAPHICA

A's direitas na physica ás avessas no moinho—1

Porto.

A. Cid.

CHARADA EM QUADRO

. No navio
. Periodos de tempo
. Adverbio
. Adjectivo

Regoa.

F. d'Azevedo.

ENIGMA N.º 2



Barcellos.

A. Coelho.

PROBLEMA

Retribuição a J. C. Vasques

Dois comboios partem com intervallo de meia hora de dois pontos differentes; uma hora depois da partida do segundo encontraram-se n'um ponto que dista 42 kilometros do meio da linha que une os pontos de partida. Sabendo-se que andam com a mesma velocidade e que as linhas que seguem formam um angulo de 60º, deseja-se saber as distancias que um e outro percorreram.

Arnaldo B. Coelho.

DECIFRAÇÕES

Das charadas novissimas:—1.^a Marmelo—2.^a Redoma—3.^a Amoreira.

Da charada mathematica:—Braga e Praga.

Da charada em quadro:

i m a n
m a n a
a n n o
n a o s

Do enygma:—Sobrescripto.

Do problema:—Um tem 18 e o outro 12 annos.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

EM BARCELLOS

FÓRA DE BARCELLOS

Anno..... 960 reis
Mez..... 80 "

Anno..... 1200 reis
Mez..... 100 "

Direcção e administração — Barcellos — Rua Direita.